

# AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

THE NUANCES OF SUPPORTING FAMILY MEMBERS OF  
ADOLESCENTS IN THE JUVENILE JUSTICE SYSTEM: THE  
CENIP/GARANHUM CASE

Marcelly Stefany de Araujo Lima de Oliveira<sup>1</sup>  
Suelly Santos<sup>2</sup>  
Wanessa da Silva Gomes<sup>3</sup>

## Resumo

O objetivo do presente estudo é compreender o sentido do acolhimento para as famílias dos socioeducandos em cumprimento de medida socioeducativa de Internação e Internação Provisória no CASE/ CENIP Garanhuns. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo em que o principal instrumento de coleta de dados é a Roda de Conversação. A intervenção foi realizada com familiares de adolescente/ jovens durante o momento em que estavam realizando a visita, suas falas foram analisadas tendo por base o método da Análise de Conteúdo. Com embasamento no materialismo histórico dialético, a pesquisa traz ainda, elementos de análise pertinentes a temáticas, tais como: família, acolhimento, violência, saúde e gênero. A partir das discussões foi observado que: o acolhimento aos familiares passa, principalmente, pelo tratamento que é dado às demandas dos adolescentes/ jovens na situação de socioeducandos e que algumas práticas, adotadas na execução da medida socioeducativa de privação de liberdade, precisam ser repensadas a fim de fazer da instituição um ambiente acolhedor.

**Palavras-chave:** medidas socioeducativas; acolhimento; família.

## Abstract

The aim of the present study is to understand the meaning of

---

<sup>1</sup> Universidade de Pernambuco. E-mail: marcellyaraujoliveira@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade de Pernambuco. E-mail: [suely.emilia@upe.br](mailto:suely.emilia@upe.br)

<sup>3</sup> Universidade de Pernambuco. E-mail: wanessa.gomes@upe.br

welcoming to the families of the socio-educated in compliance with the socio-educational measure of Internment and Provisional Internment at CASE / CENIP Garanhuns. This is a qualitative research in which the main instrument for data collection is the Conversation Wheel. The intervention was performed with family members of adolescents / youngsters during the time they were making the visit. It was observed that: the welcoming to family members involves, mainly, the acceptance of the demands of adolescents / young people in the situation of social education, the need to “take care of care” and that some practices need to be rethought in order to make the institution welcoming environment.

**Keywords:** educational measures; host; family.

## Introdução

O contexto familiar como local de socialização primária do sujeito, vem passando por transformações que estão ligadas as transições econômicas, sociais, e de hábitos ocasionadas pelo avanço da ciência e da tecnologia (BRASIL, 2004). A família é também, ao mesmo tempo,

instituição frágil e vulnerável que está imersa em um sistema socioeconômico excludente, o que faz com que possa vivenciar condições concretas de vida precárias e ter sua função protetiva comprometida.

Nesse contexto, no decorrer do tempo, crianças e adolescentes que só tiveram a proteção integral garantida tardiamente, foram tratadas de diversas maneiras, provocando a piedade e a solidariedade de uns; a indiferença ou a crueldade de outros. O sistema de atendimento e assistência à infância no Brasil deixou marcas que perduram até os dias atuais. Apenas no século XX, mais precisamente na década de 80, após anos de lutas sociais, é promulgada a Constituição Federal de 1988, conhecida como “constituição cidadã”. Em seu rol de garantia de direitos, estão as crianças e adolescentes como destinatários de proteção e cidadania. No ano seguinte, o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (BRASIL, 1990), amparado nos pilares da constituição citada, traz à tona o paradigma da proteção integral, contrapondo-se a um passado de controle e repressão.

No ECA, além de medidas preventivas e protetivas também são previstas as medidas

## **AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS**

socioeducativas, aplicáveis aos adolescentes que praticam ou participam de atos infracionais. Dentre estas se encontra a medida de Internação que é adotada em casos de atos infracionais mais gravosos.

Segundo Volpi (2015) na condição de “privado de liberdade” existe certo afastamento do adolescente das relações familiares e comunitárias até então existentes. No entanto, na perspectiva da proteção Integral, mesmo em cumprimento de medida socioeducativa de Internação, o direito ao fortalecimento dos vínculos familiares não deve ser cerceado.

A opção pela temática adveio de inquietações experienciadas no Centro de Internação Provisória (CENIP) e no Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE), unidade de Garanhuns/PE. Instituída pela lei estadual nº 132 de 11 de dezembro de 2008, a Fundação de Atendimento Socioeducativo FUNASE, com sede e foro no município de Recife, capital do estado de Pernambuco, é o órgão responsável pelo atendimento do adolescente/jovem do sexo masculino e feminino de 12 a 18 anos de idade e excepcionalmente até 21 anos incompletos, envolvidos ou autores de ato infracional, que podem ser encaminhados judicialmente para o cumprimento de medidas socioeducativas de Internação, Semiliberdade, bem como de Internação Provisória, previstas no ECA.

O acolhimento aos familiares pode impactar direta e indiretamente na participação desse segmento na aplicação da medida socioeducativa dos adolescentes/jovens e no fortalecimento dos vínculos familiares, o que, está, inclusive, preconizado no ECA e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Tais garantias contribuem para que o acompanhamento dos socioeducandos dê-se de forma integral. O foco no acolhimento dessas famílias deve levar em consideração o sofrimento trazido por esses familiares, que também é de base estrutural, ou seja, oriundo das desigualdades da sociedade capitalista, bem como suas potencialidades.

Na tentativa de dar visibilidade à problemática identificada e contribuir para o trabalho com famílias no contexto socioeducativo, esta pesquisa busca elucidar o sentido do acolhimento para esses familiares. A partir do diálogo, procurou-se saber como o CASE/CENIP Garanhuns pode acolhê-los, levando-se em consideração o sofrimento social vivenciado.

# AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

## Percurso metodológico

O estudo qualitativo transcorreu em uma das unidades da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE), localizada no município de Garanhuns, mais precisamente no Centro de Internação Provisória (CENIP) e no Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE). O CASE/CENIP Garanhuns, recebe adolescentes/ jovens do sexo masculino, oriundos da sexta e sétima circunscrição judiciária. Podendo ainda receber socioeducandos de outras unidades do estado através de transferências.

A intervenção foi realizada com familiares de adolescente/ jovens durante o momento em que estavam realizando a visita, esta acontece todas as semanas, nas quintas-feiras e sábados.

Tendo em vista que “toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida” (MINAYO, 2016, p. 16), de início, a pesquisa busca saber junto aos familiares, quais as intervenções que interferem de forma positiva e/ou negativa em seu acolhimento, com vistas a compreender o sentido deste na perspectiva dos familiares.

A modalidade de intervenção/ investigação adotada nessa pesquisa foi realizada no dia 21 de Junho de 2018, uma quinta feira, dia de visita na unidade, no final da manhã. O local escolhido foi o espaço onde funciona a sala de aula do CASE 5, como é chamado o “pavilhão” destinado à acomodação dos adolescentes/ jovens que estão em Internação Provisória.

Devido à rotatividade da Internação Provisória e a imprevisibilidade do quantitativo de visitantes, havia três mães realizando visita no momento da coleta de dados, estas após serem informadas dos objetivos, riscos e benefícios da pesquisa concordaram em participar. Foram chamadas de Maria Aparecida, Maria José e Maria da Conceição, para que seus nomes não fossem expostos, a fim de garantir o anonimato. O nome “Maria” foi escolhido devido a sua popularidade, frequência entre as mulheres que realizam visita aos socioeducandos e por ter em um dos seus significados a “força” como característica marcante.

Com vistas a atingir os objetivos dessa pesquisa, foi realizada uma “roda de conversação”, modalidade de intervenção/investigação que: “[...] se mostra como um modo de colocar a conversa em ação que circula dialogicamente na roda: uma convers(a)ção, um versar com o outro em ação”. (Santos, 2016, p. 43).

## **AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS**

De acordo com Santos (2016) a Roda de Conversação é uma modalidade de Intervenção/ investigação em que o pesquisador volta-se à escuta de experiências dos participantes/ colaboradores, seres munidos de historicidade, mas também participa ativamente, pois dialoga sobre seus próprios conhecimentos a respeito da questão norteadora que Santos (2016) chama de “questão- bússola”. Nesse encontro de “saberes” “[...] é possível encontrar e construir algo que ainda não havia sido des-coberto na experiência” (Santos, 2016, p.43). Na conversação, embora os participantes tenham suas singularidades dotadas de “bagagem de vida”, acabam sendo porta vozes de outros sujeitos que estão vivenciando situações semelhantes no cotidiano da instituição.

Findado o processo de coleta, os dados levantados foram trabalhados sob a ótica da Análise de Conteúdo, para isso, a roda de conversação foi gravada em áudio e transcrita na íntegra. As falas foram descritas através de procedimentos sistemáticos, por meio de leituras sucessivas e minuciosas do material coletado. As informações necessitam de caminhos metodológicos para serem apreciadas, partindo dessa ideia, o percurso de análise das informações toma como referência as ideias de Laurence Bardin (1977), a respeito da análise de conteúdo. Esta técnica não se limita à contagem de frequências, vai muito além, problematizando, inclusive, o conteúdo subjacente das mensagens, sendo o texto uma expressão dos sujeitos. “[...] Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial do inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem” (BARDIN, 2011, p. 15).

Posteriormente, a partir da leitura de todo o material compilado, foram identificadas categorias de discussão no texto. O conteúdo da pesquisa será exposto com base na fluidez das falas, tendo em vista que, a modalidade de intervenção/investigação dessa pesquisa valoriza o “livre diálogo” em torno de uma questão central, portanto, os eixos de análise não serão discutidos de forma estanque.

### **Resultados e discussões**

O trabalho com famílias no contexto socioeducativo deve levar em consideração os novos desafios atribuídos a esta, instituição social dinâmica, no exercício de suas funções protetivas, desafios estes que podem gerar sofrimento oriundo da culpabilização e sobrecarga.

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

“trabalhar com famílias requer a abertura para uma escuta, a fim de localizar os pontos de vulnerabilidade, mas também os recursos disponíveis” (SARTI, 2008, p. 26)<sup>13</sup>.

**Pesquisadora:** *Então, bom dia! [...] Vamos conversar?! Eu gostaria de saber, como vocês questão familiares de adolescentes que estão aqui na FUNASE, gostariam que a unidade recebesse vocês, como vocês gostariam que fosse essa chegada de vocês aqui, com relação à equipe, a própria gestão, aos agentes socioeducativos, todas as categorias que fazem essa unidade. Como gostariam de ser acolhidos, como gostariam que acontecesse o processo da visita?*

**Maria Aparecida:** *Assim, eu não tenho nada que questionar não! Eu acho ótimo aqui!... tratamos meninos como gente mesmo!!... Tratam... respeitam os meninos. Os atritos que tem é entre eles mesmos, mas assim, os agentes, a equipe... tratam eles muito bem! Não tenho do que reclamar também não.*

**Pesquisadora:** *Entendo. Poderia ter algo diferente nesse primeiro momento da família na unidade, de estar vendo o filho de vocês numa situação que antes eles não estavam... um momento em que se vê tudo novo, que representa mudanças... Como é isso? Como se dá essa “chegada” para vocês?*

**Maria José:** *Eu não achei ruim aqui no CENIP! Achei ruim quando ele foi sentenciado lá no fórum, nas audiência... Em uma eu dei risadas, meu nervo atacaram... eu dei risada... Na outra eu só chorava!!... aí eu fiquei ruim, mas aqui não. Quando ele foi sentenciado que foi para outro CASE que apanhou muito, muito mesmo, foi um apanhão danado para tirar ele de lá de dentro, aí conseguimos tirar, mas tá tudo bem, graças a Deus. Não tenho do que falar não. Tá ótimo.*

As mães veem a Internação Provisória como um processo mais “tranquilo”, inclusive o local destinado ao funcionamento da medida na unidade. É um lugar de incertezas, de espera, pois ainda não se tem a certeza do que vai acontecer com o adolescente e a liberdade ainda é uma opção próxima, tendo em vista que o ECA prevê o limite de quarenta e cinco dias para a internação, antes da sentença. O que não acontece na medida de internação, que os prazos são maiores.

O acolhimento para as famílias também passa a ser um “lugar” de incertezas e ao mesmo tempo de esperança, portanto, os familiares buscam no atendimento com a equipe técnica um espaço de acolhimento, responsabilização e vínculo, por meio de “momentos de

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

falas, escutas e interpretações, no qual há a produção de uma acolhida ou não das intenções que estas pessoas colocam neste encontro [...]” (MERHY, 1999, p. 111). Através de estudo realizado por Zappe e Dias (2012), verificou-se que as famílias sentem-se mais amparadas, quando contam com o auxílio dos profissionais que atendem os adolescentes, apoio este que, muitas vezes, antes não dispunham.

**Pesquisadora:** *Nessa chegada... nesses momentos do adolescente já aqui na FUNASE, como foi essa primeira visita? Como foram recebidos... acolhidos? Porque até então ele estava em casa né? Como se sentiram com essa nova situação?*

*Silêncio*

**Maria Aparecida:** *O primeiro momento foi muito ruim, né?... porque quando eu cheguei fui bem recebida pela equipe, pela direção, só que meu filho estava muito machucado, porque foi espancado assim que chegou!... mas depois ele foi sofrendo... sofrendo... Agora aqui tá tranquilo, né? Até o último dia que ele ficar aqui, se ficar aqui... tá tranquilo!*

Fica claro que as mães sentem-se acolhidas pelo serviço à medida que seus filhos são bem tratados. A violência entre os socioeducandos é parte das relações sociais que eles estabelecem entre si. Segundo Faleiros (2008) [...] violência, não é entendida como ato isolado, psicologizado pelo descontrole, pela doença, pela patologia, mas como um desencadeador de relações que envolvem a cultura, o imaginário, as normas, o processo civilizatório de um povo (p.30). Não sem fundamentos essa forma de sociabilidade está no cotidiano desses jovens, pois parecem apresentar um comportamento tão violento quanto é o seu entorno social. (NARDI & DELL’AGLIO, 2012).

**Maria da Conceição:** *A pessoa sente um nervoso, né!? A pessoa vem, vai simhora e deixa ele. Vai fazer o que?!*

O acolhimento torna-se o momento inicial de contato do usuário com o sistema socioeducativo e está relacionado à escuta das queixas, da situação da família e de toda história de vida do adolescente e dos fatores que podem ter o levado à prática do ato infracional, possibilitando que esses familiares se sintam confortados nas situações de sofrimento, a partir de um atendimento atencioso e receptivo do seu problema. Nesse momento “há a produção de uma responsabilização em torno do problema que vai ser enfrentado; momentos de confiabilidade e esperança, nos quais se produzem relações de vínculo e aceitação” (MERHY,

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

1998, p. 3).

Para acompanhamento dos adolescentes/ jovens que se encontram em cumprimento de medida socioeducativa o ECA e o SINASE preveem a formação de uma equipe multidisciplinar “Art. 12. A composição da equipe técnica do programa de atendimento deverá ser interdisciplinar, compreendendo, no mínimo, profissionais das áreas de saúde, educação e assistência social, de acordo com as normas de referência.” (BRASIL, 2012, online).

Na FUNASE a execução do atendimento socioeducativo é realizada por meio da equipe de Analistas em Gestão Socioeducativa, composta por assistentes sociais, psicólogos, pedagogos e advogados. Uma das ações executadas pelo corpo técnico da instituição é o atendimento aos familiares, estes procuram o serviço, na maioria dos casos, com suas angústias, anseios e esperança de que seus adolescentes/ jovens tenham a liberdade de volta ou que possam progredir para uma medida mais branda<sup>4</sup>. A Internação “é negativamente alimentada pela perversidade da separação, dos medos, angústias, revoltas e humilhações vivenciadas ao longode tal processo por adolescentes e suas família”. (MEDEIROS & PAIVA, 2015, p. 576).

Esse “cuidado”, que em muitos casos não estava sendo concedido pelo Estado, representado pelas instituições executoras de políticas públicas, passa a existir na nova condição de socioeducando, e a equipe técnica da unidade, executora da medida, passa a ser a referência que, tanto os adolescentes/jovens, como seus familiares, terão para acessar direitos sociais básicos. O acesso à documentação civil é um claro exemplo, o que se vê, na prática cotidiana, é que muitos socioeducandos, terão atendidas algumas exigências mínimas de exercício da cidadania, como, por exemplo, a confecção de documentação civil, apenas quando passam a cumprir uma medida socioeducativa.

**Maria José:** *É uma humilhação que tem! Toda semana a gente passar pela revista, toda vez é a mesma coisa, cada semana tem uma pessoa diferente para revistar a gente, isso aí eu achei também um pouco chato. Você traz um pedaço de bolo, quando vê tá todo esmagado.*

**Maria da Conceição:** *Quando eu trago o bolo eu trago fatiado.*

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

**Maria José:** *Eu trago fatiado, mas às vezes quando chego aqui ainda fateiam. Fateio em casamesmo.*

**Maria da Conceição:** *Pois quando eu trago fatiado eles só fazem olhar e pronto! Eu trago logo fatiado, porque aqui deixam só o farelo. Ele não é cachorro para comer só o farelo.*

**Pesquisadora:** *Eles partem o bolo aqui na revista, é?*

**Maria José:** *É!... ai eu trago logo fatiado. Compro o bolo inteiro e fateio em casa.*

**Pesquisadora:** *Então vocês acham o momento mais constrangedor... o da revista?*

**Maria Aparecida:** *Eu já não acho, não vou dizer... Acho o do alimento!!... porque tem coisa que não é necessário fazer o que faz. A paçoca já é pó, ai chega para os meninos aqui só o farelo! Eu trouxe bolacha eles quebraram, biscoito, o chocolate, cortam em mil pedaços uma barra de chocolate... Acho que não é necessário não!! A comida não!!... mas a revista é!*

**Maria da Conceição:** *Há muitas mãe que botam coisa!!...*

**Maria José:** *É!*

**Maria Aparecida:** *Mas eles sabem quem bota.*

**Maria José:** *É!... eles sabem!*

Antes de entrar na unidade, os familiares precisam passar por revista íntima, a revista dos pertences pessoais, da alimentação e dos objetos que levam para o socioeducando. A revista visa coibir a entrada de armamentos, drogas e demais materiais indevidos, no entanto, ainda é realizada de forma vexatória. É vista como um dos fatores que, muitas vezes, afasta ainda mais as famílias das unidades de internação, pois, em alguns casos, os próprios adolescentes pedem as suas mães, avós, irmãs e companheiras para não os visitarem, temendo o constrangimento e possível sofrimento ocasionado pelo procedimento, o que impacta na diminuição das visitas e consequentemente da participação familiar no acompanhamento da medida, fragilizando, assim, os vínculos familiares.

O SINASE, lei responsável por regulamentar a execução das medidas socioeducativas no Brasil, não contempla nenhuma previsão com relação ao procedimento. Em alguns estados brasileiros, o debate a respeito da revista íntima já avançou bastante, chegando, inclusive, a sua proibição. A revista íntima é vexatória e viola não apenas a intimidade do revistado, mas o princípio da dignidade da pessoa humana prevista na

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

constituição cidadã (BRASIL, 1988). Contraria dispositivos do ECA e do Estatuto do Idoso, além de ser uma forma de violência, também, contra a mulher.

A revista, da forma como é feita, consiste em um ato de imposição simbólica, que conforme Bourdieu (1989) “tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário do Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima” (p. 146).

Na fala de uma das mães a humilhação é ainda maior com relação ao tratamento que é dado à comida que leva para seu filho, pois o alimento levado pelas famílias também é revistado. Vê-se aí violações à possibilidade do acolhimento ao cuidado delas com seus respectivos filhos e do “cuidar desse cuidado”. O “levar alimentos”, segundo Romanelli (2006) está associado ao afeto e proteção.

Geralmente o alimento levado nas visitas são os que, quase nunca, são servidos nas refeições da unidade: chocolates, refrigerantes, iogurtes, bolachas recheadas, salgadinhos, frituras, entre outros. Sobre isso Romanelli (2006) destaca que:

[...] no plano da sociabilidade familiar a possibilidade de consumo de tais produtos aparece associada à dimensão afetiva, isto é, oferecer o que não é fundamental para a alimentação traduz-se para pais e filhos em demonstração de afeto, mesmo que à custa da contenção da aquisição de outros bens, às vezes mais necessários para a família como um todo. (p. 337).

**Maria Aparecida:** *Aqui é bom!... só às vezes tem alguns olhares, principalmente de agentes mulheres, que ficam olhando assim, entendeu? Ficam com nojo da gente! Só isso, mulheres. Os rapazes agentes não tratam a gente assim não! , mas tem mulheres agentes que olham assim pra gente, tipo, com nojo da gente!!... (...). Não é porque o filho da gente errou, que a gente tem que ser comparado. Eles estão aqui por uma coisa errada que eles fizeram e vão sair também pela mudança deles... Mas não é para tratarem a gente diferente, nem eles também, né?! A gente se sente com muitas preocupações, muita carga.*

Em meio às modificações políticas, econômicas e sociais que tiveram seu ápice na década de 90, no Brasil, o ideário neoliberal que enfraqueceu as bases dos sistemas de proteção social com a redução do Estado, transfere a responsabilidade em prover proteção para a família, comunidade e serviços privados (YASBEK, 2010). Nessa lógica fortalece-se a defesa da tese de que cada indivíduo é plenamente responsável por seu bem estar. Nesse contexto tona-se cada

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

vez mais comum argumentos de ordem moral como “família desestruturada”, “mãe muito permissiva”, “cadê a família?” entre outros. A família é coparticipante nesse processo, não a única responsável (MARTINO, 2015).

Compreende-se que, de fato, a maior parte das famílias de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas vivencia condições concretas de vida marcadas pelo acesso deficitário aos direitos sociais restando a estas, muitas vezes, apenas o ônus.

**Pesquisadora:** [...] *Quem mais vem visitar os adolescentes? Percebo muito a presença das mães.*

**Maria Aparecida:** *Mais as mulheres né?! Mais as mães.*

**Pesquisadora:** *Vocês acham que isso se deve a quê?*

**Maria Aparecida:** *Mãe é mãe!*

**Maria José:** *Mãe só é uma só!*

**Maria Aparecida:** *Porque o pai diz... “Vá lá vê seu filho”... né?! Ele diz... “o seu filho!!”, não diz “o nosso filho!” [...] E acho que também é por conta da revista também, do machismo né?!*

*Eles devem pensar... “eu vou me mostrar para outra pessoa!?”. A gente não!... por um filho agente tira a roupa!... se for preciso a gente... agora, tira de novo!!... mas o homem é meio durão, machista.*

Durante a vivência no sistema socioeducativo era notória, mesmo antes da pesquisa, mas ainda de forma empírica, que as mulheres, em especial as mães, eram as que visitavam com maior frequência os adolescentes durante a Internação. Esse dado foi confirmado durante a observação participante, leitura de produções científica e na própria Roda de Conversação. As mães são sim, as que mais visitam os adolescentes/jovens na execução das medidas socioeducativas de restrição/ privação de liberdade!

Levando em consideração a fundamentação teórica dessa pesquisa, com embasamento no materialismo histórico dialético, esse fato não deve ser analisado de forma isolada, mas sim, com base nas conexões dos fenômenos, levando em consideração suas origens e sua historicidade. Dessa forma, não pode se distanciar das discussões de “gênero”, pois o sujeito “é uma construção histórica e não natural”. Para Joan Scott (1995) a categoria gênero não pode ser vista como sinônimo de mulher, pois estudar a mulher é também estudar o homem no movimento dinâmico das relações sociais.

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

São pouquíssimos os casos de homens que comparecem às visitas. Esse fato remete, de forma clara, a “uma consciência coletiva que projeta sobre a figura feminina a responsabilidade materna de cuidar dos filhos, principalmente quando estão em situação de vulnerabilidade” (MESTRE, 2015, p. 187). “A questão do cuidado, perpassa uma clara questão de gênero”. Aliada a essa associação, está a visão “romântica” da maternidade do “amor materno”, expressa na narrativa através do termo “mãe é mãe!” e “Mãe só é uma só!”. O acompanhamento familiar na instituição aponta uma figura paterna distante ou até mesmo ausente: “Os homens, por sua vez, ainda se colocam nas margens da responsabilidade tanto pela coparticipação na gravidez como pela relação direta na criação dos filhos”. (LOSACCO, 2008, p. 73)

Outro ponto citado nas narrativas é um possível distanciamento devido à forma como são realizadas as revistas, chegam a mencionar o termo “machismo” para se referir à recusa de um homem ser revistado por outro homem. De acordo com o dicionário Michaelis (2018, online) machismo significa “orgulho masculino em excesso”. Existe uma concepção alimentada pelos preceitos culturais, de que a revista íntima é um procedimento impróprio para os indivíduos do sexo masculino, mesmo que isso venha a possibilitar um afastamento de seus filhos.

Diversos estudos realizados com adolescentes em conflito com a lei apontam a distância ou até mesmo a ausência da figura paterna na maioria dos casos desses jovens (ARAÚJO, 2013; MEDEIROS & PAIVA, 2015; MESTRE, 2015; NARDI & DELL’AGLIO, 2012 & SILVA &

ARAÚJO, 2013). Para esses adolescentes “a importância da família está centrada na figura da mãe [...] e dos irmãos, com uma figura paterna distante ou até mesmo ausente” (NARDI & DELL’AGLIO, 2012, p. 182).

Penso (2003) mostra como, por vezes, acontece uma inversão nos papéis desempenhados pelos membros da família, quando o adolescente passa a assumir uma função parental ao lado da mãe, sendo reconhecido como “o homem da casa” aproximando-o de certa “conjugalidade” com a mãe, afastando-o de seus direitos e deveres de se “ser filho” e sendo privado de ter a referência afetiva do “pai terno”.

A família participa dos dinamismos das relações sociais, portanto, sofre as influências do contexto político, econômico e cultural no qual está imersa. Mesmo com as

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

transformações ocorridas nas últimas décadas do século XX, a mulher não tem, até os dias atuais, diminuída sua carga de tarefas ligadas ao cuidado e “o aumento das famílias monoparentais chefiadas por mulheres indica uma crescente matrifocalidade” (PETRINI, 2013, p. 45). Estas passam a acumular funções e conseqüentemente suas reponsabilidades, no que refere ao sustento e educação dos filhos, pois, a mulher não conquistou espaços de trabalho na mesma velocidade que o homem assumiu as tarefas domésticas. São essas mulheres ainda, que segundo Petrini e Cavalcanti (2013) estão em um processo denominado “feminização da pobreza” em que são maioria, no conjunto dos indivíduos que vivem com menos de um dólar por dia (p. 94).

**Pesquisadora:** *Vocês tem dificuldade de vim visitar os filhos?*

**Maria José:** *Financeira, né?*

**Pesquisadora:** *Falo de qualquer tipo, mas vocês tem esse tipo de dificuldade? A dificuldade financeira?*

**Maria José:** *Não é fácil!... toda semana tem que pagar passagem, comprar coisa para comer. Eu digo às vezes que eles aqui passam mais bem de que eu, porque eu não posso ter minha bolacha para eu comer toda hora, mas para ele eu tenho que ir comprando e guardando para trazer toda quinta feira.*

**Pesquisadora:** *Imagino.*

**Maria da Conceição:** *Quinta e Sábado.*

**Maria Aparecida:** *Às vezes é só o gasto da passagem, não traz nada, mas só de ver eles, faz bem para eles, faz um esforço. Eu mesma cheguei de duas horas da manhã do trabalho, estou aqui sem dormir para não perder a hora. Não é fácil não!*

**Maria José:** *Né fácil não!*

**Pesquisadora:** *A senhora trabalha com o que?*

**Maria Aparecida:** *Trabalho em um mercado. Estava numa van andando, deixa um, deixa outro, para tá aqui, porque eu moro em Caruaru.*

**Maria José:** *Né fácil não! Tem muita mãe que vem de muito longe, que vem no carro do conselho, quando o conselho manda. Que não vem porque não tem dinheiro da passagem, massó Deus sabe como fica em casa.*

O CASE/CENIP Garanhuns recebe adolescentes/ jovens do sexo masculino, oriundos da sexta e sétima circunscrição judiciária. Como a área de cobertura da unidade

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

abrange muitos municípios, até mesmo da Zona da Mata Sul do estado, os familiares sentem dificuldade financeira para custear as passagens até a unidade. Alguns municípios disponibilizam o transporte do Conselho Tutelar, outros não.

É notória a necessidade dessas famílias em serem acolhidas, também, pela rede socioassistencial de seus municípios de origem, tendo em vista suas “novas” demandas, para que ao menos, as visitas possam ser viabilizadas, levando-se em consideração a importância do fortalecimento dos vínculos familiares, visando a garantia de direitos e consequentemente a prevenção da reincidência de seus filhos no sistema socioeducativo.

**Maria Aparecida:** *No ambiente, acho que poderia melhorar essas celas né, essas pintura!! Já é um ambiente tão triste, o ambiente já é muito pesado. Acho pesada a cor!! Se colocasse um cor mais viva, mais chamativa, melhorava esse ambiente.*

O acolhimento deve ultrapassar a influência do contexto físico onde acontecem as relações humanas, no entanto, é fundamental que o teor humano dê-se, também, na formação de um ambiente que garanta “o mínimo” conforto e bem estar aos usuários do serviço.

Nas narrativas, o acolhimento passa, também, pela qualidade do espaço físico, tanto para receber os familiares, durante as visitas, como para os seus filhos, que passaram a “morar” nos alojamentos. A esse respeito, inclusive, Francischini e Campos (2005) acrescentam que “a grande maioria das instituições não dispõe de espaço específico para possibilitar a participação de familiares na dinâmica do atendimento aos jovens” (p.267).

**Maria Aparecida:** *[...] Colocassem outra cor nessas paredes... melhorava. É!... tirar essa corcheia de desenho feio nas paredes. Acabar com essas coceiras dos meninos também.*

Na fala de uma das mães o acolhimento também passa pela necessidade de cuidar da saúde dos filhos, estes são acometidos pela escabiose, a qual se referem como sendo “coceira”, mas que é popularmente conhecida como “sarna”. Praticamente todos os adolescentes na unidade tem escabiose, é uma queixa sempre presente, pois é uma doença na pele com transmissão

rápida, em que os ácaros são disseminados pelo contato físico, pelo compartilhamento de roupas, objetos e vestimentas de cama. (TAVARES & SELORES, 2013)

O cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade interfere, direta e indiretamente, na saúde dos adolescentes e jovens que vivem essa realidade, tendo em vista as

## **AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS**

condições em que ocorre o cumprimento da medida, e a escassez de ações de prevenção e promoção da saúde nas unidades de internação do sistema socioeducativo, ações estas que, também, podem estar sendo desenvolvidas através de tecnologias sociais leves (Merhy,1997) de baixo custo, de fácil aplicabilidade e impacto social comprovado.

Na condição de internos, os adolescentes e jovens requerem trabalhos voltados para temáticas como: orientações sobre drogas, sexualidade, gênero, violências, Infecções Sexualmente Transmissíveis, higiene íntima, paternidade, no entanto, no cotidiano das unidades, na maioria das vezes, acontece uma “medicalização do desvio de comportamento”, voltada para o “sintoma”, movimento este que é fortalecido pela ideologia da reabilitação em detrimento das ações de promoção da saúde, que de certa forma, compromete o processo de ressocialização do adolescente.

### **Considerações finais**

Os resultados desta pesquisa deixaram claro que o acolhimento às mães passa pelo tratamento direcionado a seus filhos. Cuidar deles é cuidar delas! Acolher para elas então seria “cuidar desse cuidado aos filhos”. Foi possível perceber que a revista íntima, da forma como acontece, sendo vista como um momento humilhante pode ser um fator que afasta os familiares dos momentos de visita, inclusive os pais. Embora o quantitativo de adolescentes que tem o pai presente, seja consideravelmente baixo, o que por sua vez, sobrecarrega as mães ou figuras femininas responsáveis pelo cuidado no acompanhamento da medida socioeducativa, é importante pensar formas de “trazer” os pais ou pessoas que exercem a função paterna na vida dos adolescentes para a unidade, a fim de garantir o fortalecimento dos vínculos familiares. Conhecer o funcionamento e os procedimentos, auxilia na compreensão da instituição de forma mais ampla, e a entender os processos sociais que sobrecarregam a figura feminina e materna da responsabilidade de acompanhar os filhos durante a internação, revelando os significados do “mãe é mãe!”.

Outro ponto que chamou atenção nas narrativas foi o sentimento de humilhação mencionado pelas mães, no que se refere ao tratamento que é dado, nas revistas, aos alimentos que levam para seus filhos. Faz pensar o sentido desse processo para essas famílias.

O sentido de acolhimento também passa pelo cuidado com as condições do local

## **AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS**

onde acontecem as visitas; pelo sofrimento vivenciado por “ir embora e deixá-los lá”, vulneráveis a episódios de violência entre seus pares e pela atenção às condições de saúde dos adolescentes. Perpassa ainda a deficiência no acompanhamento, que precisa acontecer em seus municípios de origem, através da rede socioassistencial. Vê-se aqui que o acolhimento a essas famílias “transcende os muros da instituição”.

Algumas medidas passam a ser pensadas a partir das narrativas, tais como: refletir junto à instituição a forma como estão sendo realizadas as revistas, inclusive a do alimento, propondo formas alternativas como, por exemplo, o uso de detectores de metais, associado à revista dos próprios adolescentes no final das visitas e não de suas famílias; a presença da equipe técnica nesses momentos de fragilidade dos familiares, tendo em vista a relação de confiança estabelecida nos atendimentos, bem como a importância do assistente social como componente dessa equipe, e o seu compromisso na perspectiva de garantia de direitos dos usuários dos serviços.

Cabem ainda, um momento com os agentes socioeducativos a fim de dialogar a respeito de formas alternativas de visitar os alimentos; propor atividades voltadas aos visitantes e estendê-las aos adolescentes, em espaços que não fiquem confinados, tendo em vista o pouco tempo que têm para permanecerem juntos e o fortalecimento dos laços afetivos; investimento em ações de promoção e prevenção em saúde e a melhoria nas condições do espaço de convivência da unidade.

Inúmeras e significativas conquistas se sucederam no âmbito da Socioeducação, no entanto, após vinte e nove anos da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, marco da quebra de paradigmas com relação ao sistema de garantias de direitos de crianças e adolescentes no Brasil, ainda estão em discussão as limitações para a existência de garantia de direitos ampliada nessa esfera. Ainda é incipiente e insuficiente a discussão sobre as medidas socioeducativas e suas nuances, principalmente no que se refere aos fatores debatidos nessa pesquisa. Diversos desafios ainda se apresentam à consolidação de uma cultura de direitos humanos comprometida com a transformação desta realidade social. Assim, sua superação não ocorrerá de forma pontual, com proposições simplistas como a redução da idade penal, investimento na construção de mais unidades e ampliação do tempo de internação, mas a partir de mudanças concretas nas condições de vida dos jovens vulneráveis e suas famílias.

# AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

## Referências

BARDIN, L. (1977). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. *Política nacional de assistência social (2004)*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Brasil.

BOURDIEU, P. (1989). **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: DIFEL.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)

BRASIL. **Lei 12.594 de 18 de Janeiro de 2012**. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm)

BRASIL. **Lei n. 8.069 de 13 de Julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e da outras providências. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)

BRASIL. **Lei complementar n. 132 de 11 de Dezembro de 2008**. Reestrutura e redenomina a Fundação da Criança e do Adolescente (Fundac). Recuperado de: <http://www.funase.pe.gov.br/doc/leifunaseDO.pdf>

CAMPOS, GWS. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes práticas. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.

CUNHA, GT & Campos, GW. de S. **Método Paidéia para Co-gestão de Coletivos Organizados para o Trabalho**. (pp. 31-46). Org & Demo, Marília, v.11, n.1, jan./jun. 2010.

FALEIROS, V P. **Infância e Processo Político no Brasil**. In: Rizzini, I. & Pilotti, F. (orgs). *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. -3.ed- (pp. 33- 97) São Paulo: Cortez.2011.

LOSACCO, S. In: Acosta, A.N. & Vitale, M. A. F. (Orgs) **Famílias e políticas públicas. família: redes, laços e políticas públicas**. 5° ed. São Paulo: Cortez.2008. p 75-90

MARTINO, M. Programas de Transferência condicionadas, famílias e gênero: aproximações a alguns dilemas e desencontros In: Mioto, RCT, Campos, MS & Carloto, CM(orgs). **Familismo, direito e cidadania: contradições da política social**. São Paulo: Cortez. 2015, p. 95-124.

## AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS

MEDEIROS, FCA & PAIVA, I L. **Convivência familiar no processo socioeducativo de adolescentes em privação de liberdade.** Centro de Referência em Direitos Humanos - CRDH, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Brasil. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 15 n. 2 p. 568-586.2015.

MERHY, E E. A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde: uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. In: **Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte – Reescrevendo o Público**; Ed. Xamã; São Paulo.1998.

MERHY, E E. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Riode Janeiro, v. 4, n. 2. p. 305-314.

MESTRE, S O. Amor só de mãe: Drama e estigma de mães de adolescentes privados de liberdade (Parte II). **Zona de Impacto**. ISSN 1982-9108. ano 17, v 2. pp-161-190, 2015..

MICHAELIS. **Dicionário online**. Recuperado de: <http://michaelis.uol.com.br/>.

MINAYO, MCS. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Minayo, MC (org.); Deslandes, FS & Gomes, R.- Petrópolis, RJ: vozes. (serie manuais acadêmicos).2016

NARDI, FL & DELL'AGLIO, DD. Adolescentes em Conflito com a Lei: Percepções sobre a Família. (pp. 181-191). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Abr-Jun Vol. 28 n. 2.2016.

PENSO, MA. **Dinâmicas familiares e construções identitárias de adolescentes envolvidos em atos infracionais e com drogas**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.2003.

PETRINI, JC. Mudanças sociais e mudanças familiares. Em J.C. Petrini, J. C. & Cavalcanti, V. R. S. (Org.), **Família, sociedade e subjetividades. Uma perspectiva multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes.2013. pp.29-53.

ROMANELLI, G.. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. Medicina, Ribeirão Preto. **Simpósio: Transtornos alimentares: anorexia e bulimia nervosas**. 39(3): 333-9, jul./ set.2006.

SANTOS, SEB. **“Olha!.. Arru(a)ção!?!...”:A ação clínica no viver cotidiano: conversação com a fenomenologia existencial**. 221 f: il. (Tese de Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife.2016.

## **AS NUANCES DO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DOS SOCIOEDUCANDOS NO CASE/CENIP GARANHUNS**

SARTI, CA In: Acosta, A R & Vitale, MAF (Orgs). **Famílias e políticas públicas. Família: redes, laços e políticas públicas** 5º ed.. pp. 31-50. São Paulo: Cortez.2008.

SCOTT, JW. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2,jul./dez.1995, p.71-99.

Volpi, M. **O Adolescente e o Ato Infracional.** 10. ed. Cortez. São Paulo.2015.

YAZBEK, MC. **Sistemas de Proteção Social, Intersetorialidade e Integração de Políticas Sociais.** Janeiro.2010.

ZAPPE, JG & DIAS, ACG. Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Estudos de Psicologia.**2012, pp. 389-395.